

## **EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA NA ERA PLANETÁRIA: a invisibilidade da diversidade**

### **EDUCATION AND DEMOCRACY IN THE PLANETARY ERA: the invisibility of diversity**

Sandra Francisco <sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre educação e democracia na era planetária, com especial atenção à educação especial e aos processos de inclusão de estudantes com deficiência no contexto global contemporâneo. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise de artigos científicos e apreciação crítica de materiais audiovisuais, buscando articular diferentes perspectivas teóricas sobre o tema. A escrita apoia-se nas contribuições de diversos autores, cujos conceitos e definições possibilitam compreender como a educação democrática se constitui em um cenário marcado pela interdependência planetária, pelas transformações sociais e pela diversidade cultural. Nesse sentido, discute-se de que maneira os princípios democráticos são efetivados — ou tensionados — nas práticas educacionais, especialmente no que se refere à visibilidade, participação e garantia de direitos dos alunos com deficiência. O estudo pretende, assim, contribuir para reflexões críticas sobre a construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e comprometida com os desafios globais da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Educação, Educação Especial, Inclusão, Formação Docente, Democracia.

#### **ABSTRACT**

*This article aims to analyze the relationship between education and democracy in the planetary era, with special attention to special education and the processes of inclusion of students with disabilities in the contemporary global context. The study is based on a bibliographic review, analysis of scientific articles, and critical examination of audiovisual materials, seeking to articulate different theoretical perspectives on the topic. The discussion draws on the contributions of various authors whose concepts and definitions enable an understanding of how democratic education is constituted within a scenario marked by planetary interdependence, social transformations, and cultural diversity. In this sense, the article examines how democratic principles are implemented—or challenged—within educational practices, particularly regarding the visibility, participation, and guarantee of rights of students with disabilities. The study thus seeks to contribute to critical reflections on the construction of a more inclusive,*

---

<sup>1</sup> Professora da Prefeitura da cidade de São Paulo/Brasil, Mestranda pela Universidad de la Empresa (UDE) em Montevideu e doutoranda em Educação.

*equitable, and socially committed education in response to contemporary global challenges.*

**Keywords:** *Education, Special Education, Inclusion, Teacher Education, Democracy.*

## 1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos em educação e democracia na era planetária fundamentada numa pedagogia libertadora não podemos deixar de citar Paulo Freire nosso grande mestre, uma das maiores referências teóricas em educação e injustamente perseguido e criticado; Edgar Morin que fala sobre a condição humana, ética e como compreender a era planetária a qual vivemos e sobre o conhecimento que está sujeito ao erro e à ilusão; Demerval Saviani com a sua controversa teoria da curvatura da vara e sobre os marginalizados; Eduardo Galeano que retrata sobre o mundo e os ninguém; Contardo Calligaris em uma vida boa depende de transcendência sobre a ideia de que “a vida é nossa obra de arte”; Alain Touraine quando questiona qual país discute a educação? Charlie Palomo em sua pesquisa que retrata os invisíveis e sobre o tipo de sociedade nós temos que aceitar e tantos outros autores que falam sobre uma educação igualitária e inclusiva. O artigo é pautado em obras publicadas, vídeos e sites sobre o tema.

A educação é um instrumento que manipula e uniformiza o pensamento crítico da sociedade e está longe de ser instrumento democrático. Saviani, em sua obra, destaca a teoria da curvatura da vara, provavelmente seja a maneira da educação gerar sua revolução.

Não era concebível pensar que em pleno século XXI, o racismo e o preconceito continuassem tão fortes, ignorando e excluindo o outro. A educação deve ter uma visão integral e mostrar uma visão de um todo e não apenas na individualidade.

Como nós professores ficamos diante do desafio de ensinar na era planetária? Falar sobre educação e democracia na era planetária nos exige um certo entendimento sobre como o nosso planeta está, como sobrevivemos, como nos respeitamos e nos cuidamos. Viver na era planetária nos leva a um campo enorme de matizes que muitas vezes não justificam tantas indiferenças, descasos, tornando invisíveis muitos cidadãos que possuem igualdade de direitos. Que direitos? Que

igualdade é essa? São marginalizados, considerados ignorantes, não possuem espaço na sociedade, como podem sobreviver a este caos chamado de sociedade? São clichês ao lhes dizerem que são cidadãos de direitos? Quais as suas expectativas diante de tanta injustiça e desigualdade?

Em relação à educação há muitos marginalizados, negligenciados, muitos invisíveis, estes invisíveis não estão apenas nas ruas conforme o vídeo de Palomo relata, estão em todos os lugares, na escola é o lugar onde mais há invisibilidades, não respeitam crenças, individualidades, orientação sexual, deficiências, culturas etc. É como se nenhum destes “fossem cidadãos de direitos”.

Quando se fala em democracia onde? Como é aplicada esta democracia? Ela realmente existe nas escolas? Todos são democráticos?

Como falar numa era planetária onde não se respeitam a natureza, as individualidades, a destruição do planeta está nas mãos dos poucos que ganham através da exploração do trabalho humano, onde está a democracia?

Para que educação de qualidade, já que só querem mão de obra para poderem apertar os parafusos e ligar e desligar máquinas. Para que filosofia, sociologia se para apertar botões não precisa pensar é conduzido maquinalmente.

Há muito se fala em educação especial, inclusiva para todos. Há legislações, normativas, em todo o mundo se fala da tal inclusão. Bem sabemos que isso não tem ocorrido nos mais diversos lugares deste mundo, são tantas as exclusões que nem ao menos podemos pensar que há lugares onde isso ocorra em conformidade com as leis, com amor ao próximo e empatia para com todos.

A educação na era planetária com tanta diversidade requer muito altruísmo, o professor deve compreender o mundo e as suas transformações, bem como seus deveres e direitos para a construção de um mundo melhor. Freire (2020, p.36) destaca que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.”

Morin diz que (2003, p.98):

A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, consciente e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária.

Galeano, no miniconto Os Ninguéns, fala sobre os desvalidos dos “filhos de ninguém, os donos de nada,” dos que são desprezados, oprimidos reduzidos à condição de inferioridade. Não respeitados pelas suas culturas, etnia, religião, gênero etc. São excluídos dos direitos sociais, políticos, econômicos e educacionais, todos têm direito a igualdade de oportunidades. Conforme dito por Zygmund Bauman são “os matáveis”, como os indígenas, pretos, pobres, em vulnerabilidade social, mulheres, das/dos LGBTQIA+, das pessoas com deficiência, de todos aqueles que são “diferentes” do padrão estabelecido pela sociedade são os “que custam menos do que a bala que os mata.” Não estão nas estatísticas, e se estão, “não têm nome, têm número”. E “que não aparecem na história universal” apenas “aparecem nas páginas policiais da imprensa local”. Como o filósofo Kant bem retrata que as coisas têm preço, porém as pessoas têm dignidade.

Na educação os ninguém são todos aqueles que sofrem discriminação e bullying, são invisíveis, “falam dialetos”, se vestem de forma que “foge” dos padrões, têm deficiência, possuem dificuldade na aprendizagem, são filhas/os de dois pais ou de duas mães, só de mãe ou de pai, ou não possuem família, não tem endereço, não tem documento para se matricular, quem sabe “em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte” conforme citado por Galeano em seu vídeo.

A desigualdade está desde a época do Brasil Colônia quando os jesuítas tentaram alfabetizar os indígenas para que facilitasse a doutrinação religiosa, do período da escravidão, à formação voltada ao trabalho por conta da Revolução Industrial, desde então educação foi sinônimo de desigualdade e exclusão.

A vida, de acordo com Contardo Calligaris é uma obra de arte mais importante e “talvez a única”. Para a vida se tornar bonita precisamos acreditar no potencial da experiência criativa. O que mais fazemos segundo Calligaris é “fugir da extrema liberdade que a extrema liberdade nos deu”. Embora haja liberdade, fugimos dela e da possibilidade de idealizarmos nossas vidas, escolhemos nos apoiar na transcendência, que serve como um obstáculo para a nossa “liberdade de ser”. Somos seres transcendentais capazes de projetar e viver o futuro ou reviver o passado. Muitos acreditam que o sentido da vida está na transcendência, no eterno, esquivando-se do momento presente. Estamos em constante interação com o meio.

Na educação é necessário transcender, transpassar o mundo. Todos temos potencialidades. São necessários novos olhares para a educação, a falta de um olhar mais aprimorado, a ausência da coragem do ser professor acaba entretendo na reconstrução do processo de aprendizagem e ensino. Por meio da intencionalidade do ato de transcender ocorre a exploração do mundo. A obra de arte da educação é possibilitar a amplitude do olhar, do fazer, do saber e do pensar, e supõe diálogo contínuo de ação, pensamento, conhecimento, sendo preciso desenvolver, ao trabalhar na educação, a sensibilidade, flexibilidade, percepção e acreditar na experiência criativa. Na educação é preciso transcender.

Morin chama de antropoética as relações humanas indivíduo/sociedade/espécie, sendo esta a base essencial para a construção de um futuro possível para as futuras e presentes gerações e para uma educação transformadora centrada na condição humana, na diversidade, na ética de solidariedade e do gênero humano. Ele aborda temas imprescindíveis para a educação, as questões levantadas devem fazer parte dos debates sobre políticas educacionais, por vezes são assuntos ignorados e fundamentais para se ensinar no século XXI. Saliencia que educar “em” e “para” a era planetária (.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O desenvolvimento histórico da educação especial**

Os bebês, crianças, jovens e adultos com deficiência no qual usarei o termo pessoa com deficiência (PcD) em todas as culturas no decorrer da história foram marginalizadas e de acordo com Saviane (2021, p.7) “o marginalizado já não é, propriamente, o ignorante, mas o rejeitado.”

Muitas crianças, jovens e adultos com deficiência, historicamente, foram excluídos das escolas. Em diversos países a educação era realizada por meio de escolas especiais segregadas. Garantir que alunos com deficiência sejam incluídos em todas as unidades escolares deveria ser prioridade de todos os países. A escola é parte da formação de uma pessoa.

A história da pessoa com deficiência foi marcada por lutas e preconceitos. Há poucos registros de como eram as condições da existência da PcD nos primórdios da

civilização. Sabemos que no decorrer dos séculos as crianças que nasciam com deficiência eram mortas ou abandonadas à própria sorte, muitas vezes eram vistas como castigo dos deuses ou como um mau sinal. Estas pessoas têm sofrido discriminação sobre o que é considerado “diferente” de acordo com o paradigma de “normalidade”.

Conforme dito por um dos grandes nomes da educação, Paulo Freire (2020, p.59):

[...] Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar [...]. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade o conceito de deficiência sofreu grandes mudanças, indo da invisibilidade a um indivíduo com habilidades, recursos e potencialidades. A deficiência não é apenas uma condição de saúde própria do indivíduo, mas o resultado da interação entre as limitações humanas e o meio em que se desenvolve. O contexto social é fator determinante na deficiência de uma pessoa. A deficiência não está no indivíduo e sim na sociedade que impõem barreiras agravando uma determinada limitação funcional.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 é a pioneira no que tange a inclusão escolar, a partir deste documento os direitos educacionais das pessoas com deficiência (PcD) adquiriram espaço no debate nacional e internacional e diversas políticas públicas propensas à educação especial foram criadas. Essas políticas devem abranger todos os setores e níveis educativos, abordar temas de flexibilidade, diversidade e equidade para todos os alunos

## **2.2 A invisibilidade das PcD**

Para que a política pública na educação aconteça, não basta apenas uma política com conteúdos estruturados, formulados, bem construídos; o relevante e fundamental é o desenvolvimento, o direito e a aprendizagem do principal protagonista da esfera educacional: o estudante. Para Saviani “política e escola” são indissociáveis.

Na Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006, em seu artigo 24 sobre educação, estabelece que estas pessoas devem estudar juntas com as que não têm deficiência. As PcD não podem ser excluídas do sistema educacional. Anos se passaram e bebês, crianças, jovens e adultos continuam enfrentando diversas

barreiras para acessar e permanecer nas escolas. Conforme exemplifica Walsh (2005, p.45 apud Domínguez e Bobadilla 2019, p.12):

No se trata simplemente de reconocer, descubrir o tolerar al otro a la diferencia en sí. Tampoco se trata de volver esenciales identidades o entenderlas como adscripciones étnicas inamovibles. Se trata, en cambio, de impulsar activamente procesos de intercambio que permitan construir espacios de encuentro entre seres y saberes, sentidos y prácticas distintas.

Saviane (2021,p.7) alega que “alguém está integrado não quando é ilustrado, mas quando se sente aceito pelo grupo e, por meio dele, pela sociedade em seu conjunto.” Critica os processos pedagógicos que privilegiam como se aprende em detrimento do conhecimento que se deve aprender.

A educação inclusiva está de forma intrínseca relacionada, tanto em sua concepção como em sua prática, com a educação especial. De modo que Opertti e Belalcázar argumentam na revista *Perspectivas* p.158 “que é difícil redefinir educação inclusiva como um conceito novo sem estar entrelaçada com a ideia de educação especial.”

### **2.3 Formação docente**

As políticas públicas educacionais devem promover e garantir a formação, atualização e capacitação dos professores para a educação inclusiva, estas políticas devem eliminar a discriminação e reconhecer o direito ao acesso à educação.

Muitos professores e gestores entendem a educação especial de uma perspectiva meramente ética, como um objetivo que deve ser alcançado, mas no qual a questão pedagógica não está presente, muitos não priorizam as estratégias a serem utilizadas, quais recursos devem estar disponíveis, quais metodologias devem ser aplicadas e quais procedimentos devem ser seguidos. A crença num modelo único de aprendizagem, de comportamento e de ritmo, essa ideia de modelo único proporciona um entendimento destas diferentes formas de aprender como anormalidade, defasagem, incapacidade etc. Deste modo, docentes com boa formação, conhecimento e competências são garantias para que os processos de ensino aprendizagem sejam efetivos nos diferentes níveis educativos para a construção de uma unidade educacional diversa, plural e democrática.

A educação especial na perspectiva da educação inclusiva nos convida a repensar às práticas educativas, culturais e sociais que foram incorporadas durante décadas. Todos podem conviver e ter acesso ao aprendizado de qualidade, para tanto as escolas precisam ser inclusivas, fortalecendo, estimulando e potencializando as habilidades destes alunos. A escola deve ser local que respeite os direitos humanos, que ensine e valorize a diversidade brindando a todas as pessoas as mesmas oportunidades.

Uma educação que não leva em consideração a diversidade, dificilmente alcançará, segundo Mantoan “o nível de excelência que se pretende para o sistema educativo” a autora ainda destaca que “toda homogeneização, toda solução que não considere essa especificidade dos seres humanos está predestinada ao fracasso” (2017, p.21).

Há professores comprometidos com a aprendizagem, que refletem sobre a sua práxis docente e que sabem ouvir seus alunos, respeitando-os e favorecendo sua autonomia. Já que “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58).

A educação especial não é apenas voltada para o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e sim, para todos os professores. E isto implica em mudanças atitudinais e organizacionais. Muitos docentes consideram a educação especial como imposta pelos órgãos nacionais gerando aflições e até frustrações para o seu trabalho pedagógico. O trabalho deve ser articulado entre o professor do AEE e o professor da sala regular. Ambos podem trocar informações acerca do aluno e relatando experiências que foram satisfatórias. É um trabalho em parceria, que para dar certo é necessário bom senso de ambas as partes, de outro modo ocorrerá a transmissão de conhecimentos e não na troca de experiências e produção de conhecimentos. É fundamental o diálogo entre as partes. Para tanto, a formação docente para a educação especial na perspectiva inclusiva deve ser contínua para que os professores possam construir e reconstruir conhecimento.

Do ponto de vista educacional, as dificuldades de aprendizagem poderão ocorrer com qualquer aluno ao longo da sua vida escolar. A forma como o professor

desenvolve as atividades, poderá acentuar ou não as dificuldades de aprendizagem. O objetivo é que todos participem das atividades escolares.

Para Perrenoud (2000) o docente deve compreender a educação como um processo contínuo, interminável, o professor precisa estar preparado para trabalhar com a inclusão em todos os sentidos, ter como propósito o desenvolvimento de todas as competências, estar em constante aprendizagem, ler, discutir, compartilhar, estudar e trocar experiências

Saviani denomina pedagogia revolucionária quando o objetivo é tornar o aluno integrante ativo da construção do conhecimento. E acrescenta ainda (2021, p.8):

O professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos. Tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e da relação viva que se estabeleceria entre os alunos e entre estes e o professor.

Freire faz o professor identificar-se como sujeito da história e da própria vida. O potencial não é exclusivo do professor e/ou do aluno, é universal. Freire diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (2020, p.24), é uma prática educativa transformadora.

As ideias de Morin e Freire de como se dá o processo de conhecer, suas convergências de pensamento fazem refletir sobre a necessidade de uma formação docente. A educação deve desenvolver a aptidão para organizar o conhecimento e desenvolver a ética da solidariedade.

Educar com respeito à diversidade e empregar técnicas educacionais inclusivas que atendam às necessidades de cada um, com um ambiente inovador e criativo em que todos são encorajados a questionar e correr riscos. As famílias são acolhidas, o diálogo é contínuo e todos trabalham juntos na organização para a solução de problemas.

Para compreender a educação como um processo contínuo, interminável, o professor precisa estar preparado para trabalhar com a inclusão em todos os sentidos, ter como propósito o desenvolvimento de todas as competências, estar em constante aprendizagem.

Deste modo, é preciso haver mudança na estrutura escolar, flexibilidade para a construção do currículo e organização escolar removendo os obstáculos que

impedem os alunos de participarem em igualdade de direitos e eliminar os preconceitos que levam a exclusão.

### **3 METODOLOGIA E DISCRIÇÃO DOS MÉTODOS**

A pesquisa apresentada no Primeiro Congresso Internacional em Educação Planetária e Transformações Globais caracteriza-se como qualitativa e descritiva, tendo como principal objetivo compreender e interpretar fenômenos educacionais a partir de seus significados, contextos e relações sociais, sem a pretensão de mensuração numérica dos dados.

A abordagem qualitativa permitiu uma análise aprofundada das concepções, discursos e produções teóricas relacionadas à educação na era planetária, considerando a complexidade dos processos educativos e das transformações globais que impactam as práticas pedagógicas contemporâneas.

O caráter descritivo da pesquisa possibilitou a sistematização e a descrição detalhada dos elementos observados, buscando apresentar de forma clara e organizada as características, os conceitos e as reflexões presentes no material analisado, sem a intenção de estabelecer relações causais.

Para a construção dos dados, utilizou-se principalmente a pesquisa bibliográfica, com análise de livros, artigos científicos e documentos acadêmicos relevantes à temática, bem como a apreciação crítica de materiais audiovisuais, que contribuíram para ampliar a compreensão do objeto de estudo.

A análise dos dados ocorreu de maneira interpretativa, fundamentada em referenciais teóricos consolidados, respeitando os princípios éticos da pesquisa acadêmica e valorizando diferentes perspectivas e contribuições autorais no campo da educação planetária.

Por fim, a pesquisa apresentada neste congresso busca contribuir para o debate acadêmico, estimulando reflexões críticas sobre educação, democracia e inclusão, e reforçando a importância de abordagens investigativas comprometidas com os desafios globais e com a construção de práticas educativas mais conscientes, inclusivas e transformadoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discriminação continua presente na educação, seja por motivo de gênero, idioma, origem étnica, religião, deficiência, imigração, orientação sexual. etc.

A deficiência é uma questão que deve ser mencionada e debatida para a conscientização de que a sociedade é feita pela diversidade e não pelas diferenças.

Em razão da herança histórica de exclusão das pessoas com deficiência no mundo, dos primórdios da humanidade à sociedade contemporânea, conclui-se que em todas as culturas, a sociedade passou por diversas fases ao tratamento atribuído à PcD. Do seu extermínio, exposição vexatória e pela exclusão social por considerar suas condições sensoriais, cognitivas, físicas atípicas, como pessoas incapazes e dependentes e sem voz própria para expressar seus desejos. Tornando-se por muito tempo “os ninguéns” e “os invisíveis”.

Da exclusão à inclusão social como integrantes de uma sociedade considerada “normal”. No decorrer da história, verificou-se diversas mudanças no tratamento a estas pessoas, indo de ações de caridade à institucionalização ao reconhecimento da pessoa com deficiência como sujeito de direito. Saviani escreve que (2021, p.7):

a partir das experiências levadas a efeito como crianças “anormais” é que se pretendeu generalizar procedimentos pedagógicos para o conjunto do sistema escolar. Nota-se então uma espécie de biopsicologização da sociedade, da educação e da escola. [...] Forja-se, então, uma pedagogia que advoga um tratamento diferencial a partir da “descoberta” das diferenças individuais.

A “grande descoberta” é que todos são singulares, “não se repetem”. Logo, a “marginalidade não pode ser explicada pelas diferenças entre os homens” Saviane.

Do ponto de vista educacional, as dificuldades de aprendizagem poderão ocorrer com qualquer aluno ao longo da sua vida escolar. A forma como o professor desenvolve as atividades, poderão acentuar ou não as dificuldades de aprendizagem. O objetivo é que todos participem das atividades escolares.

A tendência mundial é promover a plena participação de todos os alunos com deficiência nas unidades educacionais.

Educar na era planetária exige mudanças no sistema educacional, traçando um perfil docente mais qualificado, com obtenção de novas competência, habilidades e

aprendizado contínuo. Para a construção de uma unidade educacional diversa, plural e democrática.

O professor deve fazer de sua vida uma obra de arte, transcender, desenvolver a sensibilidade, percepção, flexibilidade, altruísmo, ampliar o olhar sobre todos os modos de ensinar e ver o mundo voltado para o século XXI, pois passamos o século XX refletindo sobre a educação para todos e de modo democrático.

## REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo. **Uma vida boa depende de transcendência?** 1 vídeo (4:10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PhzMXIWpPfc>. Acesso em 29 jul. 2021.

DOMINGUEZ, J. B.; BOBADILLA, M. del R. A. Educación inclusiva en Latinoamérica: nuevas preguntas viejos problemas. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, [S. l.], v. 18, n. 35, p. 55-76, 2019. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.164124. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/164124>. Acesso em: 7 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Educación especial em la perspectiva inclusiva: lo que dicen los profesores, directores e el país. **Revista Inclusión & Desarrollo**, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230228074.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021.

MORIN, Edgar. **A crise do pensamento**. 1 vídeo (24:47min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2LfDsapPtJq&t=6s>. Acesso em: 02 ago.2021.

PALOMO, Charlie. **Os invisíveis**. 1 vídeo (4:40min). Jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IL-lvhMA360&t=5s>. Acesso em 12 ago. 2021.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patricia Chittoni Ramos; Porto Alegre: Artmed, 2000.

STERENBERG, Leila. **Entrevista com o sociólogo francês Alain Touraine XVID**. 1 vídeo (23:02min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dLiZn84HZog&t=4s>. Acesso em 12 ago. 2021.

UNESCO. **Oficina Internacional de la Educación de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, Ciencia y la Cultura**. Perspectivas v. XXXVIII. Francia. n.01, mar/2008. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/es/recursos/perspectivas-revista-trimestral-deeducaci%C3%B3n-comparada>. Acesso em: 10 maio 2021.